

REVISTA BRASIL NIKKEI BUNGAKU

Número 32, julho de 2009

SUMÁRIO DO CONTEÚDO EM PORTUGUÊS

EXPEDIENTE	2
27ª CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO	3
HAICAIS	
Seleção de Edson Kenji Iura.....	4
POESIAS	
Seleção de Bunice Arruda e Yoji Fujyama.....	7
CONTOS	
Seleção de Sumiko Nishitani Ikeda e Kasuko Hirata	10

- 1 -

BRASIL NIKKEI BUNGAKU
(Literatura nipo-brasileira)

Uma publicação da Associação Cultural e Literária Nikkei Bungaku do Brasil (www.nikkeibungaku.org.br). Presidente: Atuo Takemoto. Endereço: Rua Galvão Bueno, 805, térreo, São Paulo, SP, 01506-000. Fone/Fax: (11) 3203-2193. Email: secretaria@nikkeibungaku.org.br. Editora de língua japonesa: Kazuko Hirokawa. Editor de língua portuguesa: Edson Kenji Iura. Impressão: Editora Gráfica Toppan Press Ltda.

SELEÇÃO DOS TRABALHOS PARA PUBLICAÇÃO
NA REVISTA BRASIL NIKKEI BUNGAKU Nº 33

Estamos recebendo trabalhos literários a serem selecionados para publicação na revista Brasil Nikkei Bungaku nº 33, edição de dezembro de 2009.

Prazo de envio: 31 de agosto de 2009.

Haikai: Até cinco haicais no formato tradicional, com temas de primavera, datilografados ou digitados. Enviar para Edson Kenji Iura, Rua Miragaia, 56, S. Bernardo, SP, 09689-000.

Poesia: até três poemas de, no máximo, 20 linhas, com tema e forma livres, datilografados ou digitados. Enviar para Yoji Fujyama, Rua Humberto I, 500, Apto. 41, S. Paulo, SP, 04018-031.

Conto: Até dois contos de, no máximo, dez mil toques (cerca de quatro laudas), com tema livre, datilografados ou digitados. Enviar para Kasuko Hirata, Rua Tucumbira, 216, S. Paulo, SP, 05428-020.

Modalidades em japonês: as regras estão inseridas na seção em japonês da revista Brasil Nikkei Bungaku.

27ª CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO

A Associação Cultural e Literária Nikkei Bungaku do Brasil está recebendo trabalhos para concorrerem nas dez modalidades literárias do 27º Concurso Literário Yoshio Takemoto, sendo três em português: haikai, poesia e conto, mais sete modalidades em japonês: *shōsetsu* (conto), *zui-hitsu* (ensaio), *tanka* (poesia lírica), *haiku* (haikai), *shi* (poesia livre), *senryū* (poesia satírica) e *hon-yaku* (tradução do português para o japonês).

REGULAMENTO

1. Para haikai, deve ser enviado um conjunto de exatos dez haicais, inéditos, de tema livre e forma tradicional, por concorrente.
2. Para poesia, serão aceitos até dois poemas inéditos por concorrente, de tema e forma livres, com até 20 linhas cada um.
3. Para conto, serão aceitos até dois trabalhos inéditos por concorrente, com tema livre e até dez mil toques cada um.
4. Para as modalidades em japonês, as regras estão inseridas na seção em japonês da revista.
5. Todos os trabalhos deverão ser encaminhados por via postal para o 27º Concurso Literário Yoshio Takemoto, Rua Galvão Bueno, 805, térreo, S. Paulo, SP, 01506-000.
6. O prazo de envio dos trabalhos é 15/09/2009, valendo a data de carimbo dos correios.
7. Os trabalhos devem ser enviados em três cópias. Nome do autor, endereço postal e telefone devem constar do rodapé da primeira cópia.
8. Para cada modalidade, dois trabalhos serão selecionados para receber Menção Honrosa.
9. Adicionalmente, um trabalho de cada modalidade poderá ser selecionado para receber o Prêmio Especial.
10. Prêmios:
 - a. Prêmio Especial para *shōsetsu* (conto em japonês): R\$ 700,00.
 - b. Prêmio Especial para as demais modalidades: R\$ 500,00.
 - c. Prêmio para Menção Honrosa: R\$ 150,00.
11. Todos os premiados das categorias em português receberão diplomas.
12. Os selecionados para o Prêmio Especial receberão uma anuidade gratuita da Revista Brasil Nikkei Bungaku. Convidamos os ganhadores a se associarem a partir do segundo ano.
13. Os resultados serão divulgados até 15 de novembro de 2009.
14. A cerimônia de premiação será em março de 2010.

HAICAIS
 Seleção de Edson Kenji Iura
 Temas desta edição: Inverno

Em noite de inverno,
 debaixo de uma coberta,
 vovó vê novela.

Senhora de xale
 ouve o chamado do sino —
 Capela no morro.

Alberto Murata
 São Paulo, SP

casa reformada
 na lata vazia de tinta
 a azaléia pinta

vento cortante
 vontade de recolher
 os lírios do jardim

Alice Ruiz
 São Paulo, SP

Poeira de estrelas,
 na noite calada e fria,
 acoberta a vila...

Chaminés fumegam
 formando estranhas figuras,
 no céu hibernal...

Amália Marie Gerda Bornheim
 Caxias do Sul, RS

Noite de geada.
 Os amigos esquentam
 as mãos na chaleira.

Carregando a presa,
 gavião retorna ao ninho.
 Tênuê luz de inverno.

Nelson Savioli
 Rio de Janeiro, RJ

Golpes de facão
 ecoam pelo roçado —
 Colheita de cana.

Sentado na pedra
 o pescador solitário —
 Praia de inverno.

Terreiro do sítio —
 Rebrilham na escuridão
 olhos de coruja.

Regina Alonso
 Santos, SP

Quentão na panela —
 A festa só continua
 Depois de beber.

Fogos de artifício —
 As crianças deslumbradas
 Olham para o céu.

Silvio Gargano Junior
 Batatais, SP

Manhã de inverno
 cansada de tons cinzentos,
 veste-se de azul.

Andra Valladares
 Vila Velha, ES

O pé de babosa
 florido no mês de junho.
 Surpresa do dia.

Perfume suave —
 Pequenas rosas de inverno
 abrem na varanda

Ao sabor do vento
 as folhas secas no pátio —
 Respira a natureza.

Benedita Azevedo
 Magé - RJ

Campo queimado
 Inclemente geada
 Anu solitário

Carvalho de Azevedo
 Osasco, SP

Vento de inverno —
 Na folhagem que se agita
 revoar de pombos.

Aula noturna —
 Distraídas e distantes
 estrelas de inverno.

Funeral prossegue —
 Do guarda-chuva para o esquife
 a chuva de inverno.

Teruko Oda
 São Paulo, SP

O pardal abre as asas
 Para o Sol do meio dia
 Inverno urbano

Batendo as asas
 Os patos se despedem
 No lago gelado

Vera Vilela
 Bauru, SP

Temas da próxima edição:
 Primavera

Com mãos trêmulas,
 O ancião toma sua sopa —
 Ventos uivantes

Manhã de sol —
 Ajeito a boina de lã
 Para a caminhada

Velhos imigrantes —
 Procuram no céu do Cruzeiro
 Vega e Altair

Celso Pestana
 Rio de Janeiro, RJ

Pardal hibernal —
 Aninhado na lanterna,
 dorme encolhido.

Céu azul de inverno.
 A limpeza se aprofunda
 ainda mais, no vale...

Iraí Verdan
 Magé, RJ

Uma casa modesta —
 Em meio à cerca caída
 Cipó-de-são-joão.

Galhos quebrados —
 Nas mãos das crianças
 Flores de suinã.

João Toloí
 Guarulhos, SP

plátanos sem folha —
 empoleiraram-se os pardais
 ao sol da manhã

Clarice Villac
 Campinas, SP

O chá na cozinha,
 O cobertor no sofá.
 Inverno chegando.

Eunice Tomé
 Santos, SP

Chapéu e bengala
 Acomodados num canto —
 Neveiro de inverno.

Casebre de taipa
 E a bananeira de inverno
 Agora sem donos.

Escuna ancorada —
 No lugar dos passageiros
 A lua de inverno.

Mahelen Madureira
 Santos, SP

O frio chegou —
 gorro de lã, cachecol
 sombrinha na bolsa.

Olga Amorim
 São Paulo, SP

POESIAS

Seleção de Eunice Arruda e Yoji Fujyama

CÂNTICO

Num canto da sala, velha árvore
 Caixas com enfeites
 E o presépio bem antigo
 Evocam momentos felizes!
 Casa cheia, sorrisos, alegrias
 Cânticos de natal...
 Pernil assando, castanhas cozendo
 Rabanadas quentinhas.
 Lembora...
 Nos laços de fitas, nas bolas coloridas
 Imagens revividas, cadeiras vazias
 Saudades!
 Acendem-se as velas
 Lembranças tomam corpo, sentam-se à mesa
 É natal!
 Na árvore montada, a esperança
 No presépio Deus menino brilha—
 Entre José e Maria
 E ela balbuciando entre as contas do rosário
 Vai rezando Ave Maria... Ave Maria...

Jáira Prêsa
 Santos, SP

PESCARIA (TANKA)

À beira do mar
um pescador solitário
luta contra o vento.

Na tarde cinza de inverno,
planam leves as gaivotas.

Andra Valladares
Vila Velha, ES

SLOW BLUES

Um pouco de música — em voz blues
vez ou outra, (. .) detalhescombros
e alguém, em carne e osso, suor
e dor: lateja (. .) por socorro.

A tarde se entrega (. .) — desalinha
aos poucos, um pouco — um morrer de
(. .) vagar — nos lábios, um travo antes
cala; esta tarde nossos ossos são ouvidos.

Lúcio Kume
São Paulo, SP

CONTOS

Seleção de Sumiko Nishitani Ikeda e Kasuko Hirata

LOUVADO SEJA!

Regina Alonso
Santos, SP

Aquele dia era apenas mais um dia na vida do vilarejo. Mulheres esparramadas na tarde modorrenta, sentadas à soleira de pedra das casas baixas, comentando a vida alheia. *Ritinha, a filha do açougueiro estava engordando, barriga crescendo...* Outra acrescentava com olhos arregalados: *Ela escapa toda noite lá pro matagal que beira a estrada!* E a história ia crescendo: *Sei não, o vigário num devia deixar ela comungar! Moça prenha e solteira, já se viu?! E emendavam fazendo coro: Cruz credo! O mundo está perdido!* Quando o pároco passava, elas disfarçavam e voltavam a atenção para o bastidor onde faziam seus bordados. Inútil! Ele bem sabia o assunto das conversas. Tentava orientá-las à hora da confissão, na pregação da missa dominical ou nos dias de reunião da congregação. Mas da porta da igreja para fora esqueciam a prática do perdão e o significado de não atirar pedras em telhado de vizinho. E tudo recomeçava. Com os homens a situação não era muito diferente. No retorno do trabalho, horas e horas no bar, tomando um *rabo de galo*, contando piadas indecentes, fazendo gracejos com os pobres coitados que viviam de esmolas ou que apresentavam algum defeito físico. Mal apontava na esquina o velho Beraldo manquitolando, cantavam *Tá raso... Tá fundo! Tá raso... Tá fundo!* No bonde, não levantam para ceder seu lugar às senhoras com crianças ou às mulheres grávidas. Não ajudavam o cego Nicanor nem as gêmeas Belinha e Belisa, que quase nada enxergavam, a atravessar as ruas. O pároco desanimava — com esses maus exemplos o que esperar dos filhos? *Por isso é que os jovens não se interessavam mais em ser coroinhas*, concluía com seus botões. E ficava pensando que só um milagre poderia reverter a situação

SERTANEJO EM CONSTRUÇÃO

Nas voltas que o mundo dá
Quero voltar ao Sertão
Rever a seca por lá
Onde fiz tanta oração.

Esta terra onde estou
É terra de gente não
Hoje sou o que restou
Do cabra macho Rondão.

Cheguei aqui de carona
Pois dinheiro tinha não
Mas no meu saco de lona
Trouxe sonhos de montão.

DO PERFUME

Do rosto nenhum vestígio
Do corpo só alguns contornos
A voz distante, distante...

Ainda o calor da pele
E o perfume incomparável.
De madressilvas do campo?
De rosas, cravos, jasmims?

Ah, olor inebriante
Suor desejo
Água sangue
Invadindo as entranhas
Fazendo morada em mim!

Minha choça de sapé
Um luxo em comparação
Ao Viaduto da Sé
Onde faço habitação.

Quero voltar sim senhor
Voltar lá pro meu Sertão
Quero rever moça Flor
A minha doce paixão.

Mahelen Madureira
Santos, SP

Regina Alonso
Santos, SP

E naquele dia que parecia ser apenas mais um dia como qualquer outro, o pároco ao fechar a igreja, ao cair da noite, viu uma aglomeração de pessoas que apontavam e olhavam para o terreno que ficava bem atrás, na rua dos fundos. Era uma área enorme, que não havia sido desmatada — árvores centenárias das mais diversas espécies e algumas bananeiras cujos frutos o padre colhia para completar sua alimentação frugal. *Louvado seja!* — a voz esgançada de Dona Cidinha, carola fervorosa e fofqueira de carteirinha! E mulheres e homens repetiram: *Louvado seja! Padre Lúcio foi entrando pela multidão para entender a razão de tudo isso. Milagre! Milagre!* — gritou Do Carmo, a solteirona de língua mais afiada da vila. Todos apontavam para a mata escura. De quando em quando o lampião do poste atrás da igreja balançava e permitia a visão — o manto da santa e seu esplendor! O povo não se conteve. Caiu de joelhos. E cruzavam-se no ar como balas de metralhadora: *Louvado seja! Milagre! Milagre! Louvado seja!* Acenderam-se velas e entoaram-se cânticos. Era noite alta quando o pároco conseguiu convencê-los a voltarem às suas casas. Precisavam descansar para no dia seguinte enfrentar o trabalho.

Aos primeiros clarões, já batiam à porta da igreja várias mulheres para a confissão. Algumas traziam pão doce, outras broas de milho ou uma barra de manteiga para o café do padre. O padre olhava cheio de espanto — era a primeira vez que lhe traziam algo. Rezaram suas penitências, varreram a igreja e a sacristia com vigor e adornaram o altar com lindas flores do campo. Dona Mariquinhas trouxe panos novos de linho com acabamento em crochê e bordados de ponto cruz para o altar principal e para os laterais. *Afinal os outros já estavam puidos!* — comentou enquanto fazia a substituição. Três vizinhas ofereceram os filhos para serem coroinhas. Na rua, pela primeira vez, os deficientes tiveram a imediata ajuda de alguém, que ainda lhes desejou bom dia. Ao final do expediente, reunidos no bar, as piadas de mau gosto foram esquecidas — só se falava no milagre, na santa que viera para abençoar o povo daquela aldeia. Era o povo escolhido! O pároco assistia a transformação, boquiaberto. Ao anoitecer, todas as velas já tinham sido vendidas — no dia seguinte seria preciso fazer nova encomenda e triplicar o pedido! As mulheres chegavam com a cabeça coberta com véus, terço e missal nas mãos. Rezavam, entoavam hinos, acompanhadas pelos homens e pelas crianças. De quando em quando, alguém gritava: *Louvado seja! Milagre! Milagre!* E logo todos repetiam: *Louvado seja! Milagre! Milagre!* O menos entusiasmado era o

pároco, mas ele não podia negar que também estava visualizando o manto, o esplendor e talvez até três anjos aos pés da santa. *Meu Deus*, pensava enquanto fazia as orações antes de dormir, ajoelhado diante da imagem de Jesus Crucificado, *estarei tendo visões? Estarei influenciado pelo fanatismo do meu rebanho?* E adormeceu cheio de preocupação. Acordou-se às quatro horas. E saiu decidido. Lá fora o escuro e o frio da madrugada não impediram que ele adentrasse a mata, carregando uma pequena lanterna. Direcionando a luz para vários pontos, descobriu uma coruja, alguns morcegos e os ramos de uma árvore de grande porte, que se juntavam às folhas de algumas bananeiras, formando o manto e no alto, parecendo um esplendor. Mais abaixo, galhos retorcidos e folhas miúdas compunham-se de tal forma que pareciam anjos louvando a santa. Retornou com a batina molhada — a terra e as folhagens estavam úmidas de sereno. Preparou o café, pensando na maneira de explicar o equívoco. Precisaria da ajuda do padeiro, Senhor Antônio, o maior líder da comunidade. Na igreja, as devotas já varriam a nave, entoando cânticos de saudação ao novo dia e de agradecimento pela vida. Pegou o bonde apinhado, pois queria esclarecer tudo o mais rápido possível. Um rapaz cedeu-lhe o seu lugar e outro se levantou logo que avistou uma senhora de pé. Pela janela, via as mulheres varrendo as calçadas, fazendo compras no açougue ou dos vendedores ambulantes, entretidas nas ocupações diárias. Nenhuma no portão em comentários maldosos. Entrou na padaria. Pediu um café. Seu Antônio veio servi-lo, comentando: *Deus nos guarde sempre, senhor padre! Somos uma vila abençoada!* E no balcão, os homens conversavam sobre o trabalho no campo e nos armazéns da cidade, sobre o futuro dos filhos, sobre o céu escuro prometendo chuva. *A colheita será farta! Neste ano, o feijão vai vingar!* E logo acrescentaram comovidos: *Louvado seja! Milagre!* O pároco tomou o último gole de café e despediu-se.

No trajeto, olhava a vila e o seu povo agora em harmonia. À porta da igreja, o caminhão estacionou para entregar a encomenda de velas. Assinou o recibo e fez sinal para que o homem descarregasse na sacristia. Passando pelo altar, o pároco benzeu-se diante da imagem da Sagrada Família. Pediu perdão, mas talvez esse fosse o milagre possível para a transmutação de seu rebanho. E repetiu baixinho: *Louvado seja!*

Eurídice à sua direita. Todos ficaram atentos. Ele pediu perdão a uma e à outra e confessou que tivera uma filha fora do primeiro casamento. E que era mais nova que o filho mais velho, apenas dois meses. Eurídice soltou a mão dele, que continuou o relato: A mãe de sua filha era sua secretária do escritório de sua firma. Ao saber da gravidez, despediu-a, mas, deu-lhe todo o apoio. A filha crescera e ao completar sete anos, perguntara pelo pai. Todas as crianças tinham um, por que só ela não? Então ele a registrara e passara a acompanhar seu desenvolvimento. Era uma menina inteligente e conseguiu fazer o curso superior, e neste momento era uma excelente profissional.

Lágrimas corriam-lhe pela face. Observado por quatro pares de olhos incrédulos e dois surpresos, Artur continuou sua revelação: Disse que nunca pensou em desrespeitar ninguém. Mas que, o convívio diário com aquela moça tão gentil e solícita, acabara lhe despertando um sentimento que o arrebatou para seus braços. Ainda tentara se afastar, pois gostava da esposa que estava grávida e a amava muito. Então soubera que a moça também estava grávida. Tentando evitar comentários e problemas para si e a secretária, sugeriu que se demitisse. Nada faltaria para ela e a criança. Ainda conseguira levar o casamento por alguns anos e tivera mais uma filha com Eurídice. O desgaste no relacionamento foi recíproco e acabaram se desquitando, amigavelmente. Mesmo gostando da sua ex-secretária, não a amava o suficiente para lhe propor casamento. Continuou a lhe prestar toda a assistência e passou algum tempo sozinho. Só bem mais tarde, quando os três filhos já estavam crescidos, encontrou e se apaixonou pela mulher que hoje é sua esposa.

A esse ponto do relato as três mulheres choravam. Doutora Eunice enxugou a testa do moribundo e queria que ele descansasse. Mas, ele continuou... Nunca deixei faltar nada para nenhum dos meus filhos. Nem para minhas mulheres. Nem vai faltar quando eu não estiver mais aqui. Está tudo resolvido. Meu advogado já está instruído a resolver qualquer problema. Todos vão ficar bem. Não quero brigas após a minha partida.

Era uma cena comovente. Artur com as duas mãos segurando as das mulheres. Os filhos ao lado de Eurídice, a médica e a enfermeira ao lado da esposa. Artur respirou fundo. Apertou a mão das mulheres e continuou: Não fiz nada de mal para ninguém. Assumi as responsabilidades de todos os meus atos. Esta vida de aperfeiçoamento que levamos aqui é breve passagem. Comprei...

A VIDA CONTINUA...

Benedita Azevedo
Magé, RJ.

Eurídice chora a morte do marido de quem já estava separada havia muitos anos. Ele se casara com outra e ela com outro. Mas, continuavam amigos, pois tinham um casal de filhos, já adultos, que sempre contara com a assistência do pai. Ele desenvolveu um câncer e foi tratado com carinho pela nova esposa, que tivera um filho do primeiro casamento, e vivia com o pai na Europa.

Sempre que podia, Eurídice visitava o ex-marido. Os três conversavam civilizadamente. As duas mulheres da vida de Artur desdobravam-se para tornar mais leves seus últimos dias de vida.

A doutora Eunice, especialista em oncologia, acompanhava o paciente com desvelo. A esposa e Eurídice sentiam-se gratas por poderem contar com uma profissional tão dedicada, cuidando de seu ente querido. A médica chegou a arranjar uma enfermeira para que ficasse ao lado do enfermo, quando seus familiares não podiam atendê-lo. Segundo a médica, não era preciso preocuparem-se com a remuneração da profissional, pois era uma gentileza que a amiga, enfermeira, lhe prestava, em seu dia de folga. Os filhos comentavam com a mãe, sobre a necessidade de recompensar aquela profissional, ainda que fosse com um bom presente.

Numa crise mais grave, as duas mulheres e os filhos foram chamados às pressas. A equipe médica que o atendia saiu. A doutora Eunice permaneceu no quarto ao lado da enfermeira. Depois, dirigiu-se ao moribundo, tomou suas mãos, e, diante da família agradeceu por não lhe ter deixado desamparada, após sair da firma grávida.

A esposa de Artur trocou olhares com Eurídice, sem entender nada. Os filhos olharam para a mãe e depois para o pai, alheios ao assunto. O pai, arquejante, passava os olhos de uma para a outra das três mulheres. Eunice pediu que todos saíssem para o doente descansar. Mas, Artur, com dificuldade, segurou na mão da esposa que estava à sua esquerda e na de

encontrarei amparo. Terei todos os cuidados que tenho aqui, e os parentes muito amados estarão à minha espera. Não quero que lamentem a minha partida, apenas orem, para eu tenha êxito em minha nova vida.

Eurídice, a mais inquieta, perguntou quem era sua filha e onde ela estava? Artur parou de falar, passou os olhos por todos eles e pendeu a cabeça no travesseiro. — Não o deixe morrer, eu preciso saber quem foi a mulher que destruiu meu casamento. Logo que eu engravidei do meu primeiro filho, Artur ficou indiferente. Chegava em casa tarde, sempre cansado, muitas vezes nem jantava. Dizia que estava sem fome. Engravidei da minha filha tentando reconquistá-lo, mas não adiantou nada. Acabamos nos separando. Agora está tudo explicado.

Doutora Eunice auscultou seu coração e constatou que estava morto. Pegou suas mãos e beijou, demoradamente. Depois se abraçou à enfermeira, aproximou-se do morto, pegou sua mão e falou: “Obrigada, pai, por me amparar e cuidar de mim e de minha mãe”. Virou-se para a enfermeira e agradeceu: “Obrigada mãe, por me ajudar a cuidar do meu pai”. Eurídice engoliu em seco e saiu com os filhos. A esposa a seguiu, pois precisava tomar as providências necessárias que a ocasião exigia. Eunice e a mãe permaneceram ao lado de Artur por mais algum tempo. Era a oportunidade que tinham, de se despedirem daquele homem que tanto amaram e que sempre as tratara com dignidade e respeito.

